



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Campos, Pedro Humberto; Rouquette, Michel-Louis  
Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 3, 2003, pp. 435-445  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816303>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Abordagem Estrutural e Componente Afetivo das Representações Sociais

Pedro Humberto Faria Campos<sup>1</sup>

Universidade Católica de Goiás

Michel-Louis Rouquette

Université Paris V

---

### Resumo

A “Abordagem Estrutural” das representações sociais define uma representação social como uma organização por diferentes dimensões e não como um conjunto de eventos e processos puramente cognitivos. Neste artigo, propomos o princípio que a dimensão afetiva observa uma relação “não-aleatória” com o núcleo central. Os resultados são brevemente descritos, assim como os resultados acerca de três representações, (“menino de rua”, “família”), com o intuito de apresentar uma perspectiva de estudo que parece indicar que as relações entre a estrutura e as cargas afetivas “semânticas” e “afetivamente carregadas” não são aleatórias. Os dados corroboram a tese de que o Núcleo Central da representação social organiza igualmente a distribuição das cargas afetivas no conjunto da representação social. As pesquisas aqui apresentadas correspondem a uma primeira aproximação exploratória das relações existentes entre a estrutura e as cargas afetivas de uma representação.

*Palavras-chave:* Representações sociais; abordagem estrutural; cargas afetivas; núcleo central.

### Social Representations: Affective Impregnation and Structural Approach

#### Abstract

The “Structural Approach” of social representations defines a social representation as an organization with different dimensions and not as a group of purely cognitive events and processes. In the present state of theory, we propose the principle that the affective dimension concerning maintains a random relationship with the Central Core. Two results are briefly described as well as the results concerning three representations (“street children”, “higher education”) which present a perspective that seems to indicate that the relationships between “semantic” and “affective” charges are not random. The data seem to confirm the principle that the Central Core of social representations equally organizes the distribution of affective charges on the social representation as a whole. The studies presented here correspond to a first exploratory approximation of the relationships between the structure of a representation and the affective impregnation of its elements. The keywords presented here correspond to a first exploratory approximation of the relationships between the structure of a representation and the affective impregnation of its elements.

*Keywords:* Social representations; structural approach; affective impregnation; central core.

---

Desde que Moscovici (1961, 1976) abriu o campo teórico do estudo das representações sociais, os campos de pesquisa e aplicação vêm se multiplicando. Inúmeros pesquisadores têm se dedicado ao estudo desta teoria, seja em busca do conhecimento de novas representações (no domínio da saúde, da educação, da economia, etc), seja no desenvolvimento teórico-metodológico do próprio campo. Entretanto, se, de um lado, é forçoso reconhecer que muito

papel determinante no modo como as representações reagem face à realidade, fica evidente que o núcleo central é dotado de cargas afetivas, é dizer, “ativado”) por um componente afetivo.

De fato, é pertinente a crítica de que, de modo geral e em específico no estudo das representações sociais, encontra sérias dificuldades para explicar os aspectos emocionais ao estudo das representações sociais.

satisfatoriamente ao campo teórico dos processos sócio-cognitivos. Contudo, a crítica de Banchs (1995) à teoria das representações sociais, nos parece um tanto quanto precipitada ao afirmar que:

... essa teoria não desenvolve a reflexão sobre o papel que jogam, na construção do *self* e da realidade (construções que se desenvolvem simultaneamente) os aspectos fundamentais da subjetividade tais como: necessidades, motivações, emoções, afetos, pulsões inconscientes ou conteúdos reprimidos, embora ela não negue a subjetividade individual... (p.97)

Gostaríamos de decompor esta crítica em duas: na primeira parte, Banchs (1995) insiste numa visão da teoria das representações como teoria que não desenvolve certos aspectos (as emoções e afetos entre eles), porque não analisa como a subjetividade individual participa na elaboração das representações; na segunda, a autora critica certos autores que insistem em tentar reduzir a emoção a um fenômeno puramente cognitivo, e assimila esta posição à da teoria das representações sociais. Ora, quanto à primeira crítica, podemos dizer que as emoções e afetos não são aspectos exclusivos da vida privada subjetiva; as emoções vividas em situação de interação coletiva (intersubjetiva) influenciam na elaboração de representações<sup>2</sup>; quanto à segunda crítica, devemos dizer que a teoria das representações insiste no caráter socialmente partilhado das representações e não no caráter cognitivamente partilhado. Isto significa que buscamos trabalhar na direção do que Rime (1993) chama de “partilha social das emoções”. As representações são definidas enquanto modalidade de pensamento social, o pensamento social sendo também mediado por uma dimensão afetiva.

A abordagem estrutural não concebe as representações como um conjunto de eventos e processos puramente cognitivos; tampouco ela se dedica às tentativas de estabelecer relações de primazia do aspecto cognitivo sobre o afetivo ou vice-versa. A abordagem estrutural tal qual ela é definida por Abric (1994 a, 1994 b, 1998), Flament (1994) e

intensamente carregada do ponto de vista pelo grupo, pode, como veremos adiante, na estrutura da representação (Giraud-Henry,

Alguns pesquisadores que trabalham estruturalista no estudo das representações (Rateau, 1995; Rouquette & Rateau, 1995) retomada do que genericamente se pode chamar afetiva, assimilando esta dimensão ao “dimensão atributiva”. Para estes pesquisadores, a afetiva é importante à medida que informa, organiza ou determina cognições ou avaliações. A partir do momento em que produzem uma avaliação do objeto de referência, alguns de seus aspectos, pode-se dizer que a afetiva é ativada, dentro de um raciocínio que “me agrada” ou “isto não me agrada”. Em um nível restrita de definição do componente afetivo, estrutural apresenta ainda vários exemplos, em Abric (1998), como sobre mudanças nas representações:

Parece que, sob a luz dos resultados obtidos, os elementos avaliativos de uma representação constituem a estrutura subjacente de um significado para um dado objeto; de outro lado, é sobre essas influências contra-atitudinais atingem um nível de uma dada representação (Ex.: a empática) que elas podem provocar uma mudança.

Apesar do reduzido número de pesquisas no estudo do componente afetivo, o nosso ponto de partida é o de apresentar estudos empíricos que evidenciam a importância da abordagem estrutural na construção das representações. Assim sendo, dois trabalhos (Campos & Rouquette, 2000; Giraud-Henry et al., 1995) apresentam resultados de três pesquisas empíricas semelhantes, com o objetivo de ilustrar uma perspectiva de aproximação entre a teoria afetiva, não somente enquanto cognições ou avaliações, mas também como componentes

assegura sua função organizadora e estruturante, também em relação à dimensão afetiva. Deste modo, elas compõem a parte inicial de um programa de verificação da hipótese segundo a qual o núcleo central de uma representação organiza e determina a participação estrutural das cognições afetivamente carregadas através de relações de significação.

## A Representação Social de Multidão em Policiais Responsáveis pela Manutenção da Ordem (Giraud-Herault, 1998)

Em seus trabalhos de pesquisa, Giraud-Herault (1998) objetivou estudar a representação social da multidão (ou das massas) em grupos de policiais responsáveis pelo acompanhamento e controle de situações de grande público e a intervenção de fatores emocionais na estruturação desta mesma representação<sup>3</sup>. Partindo da noção de “sujeito em ação”<sup>4</sup>, o autor considera que os elementos de uma representação são, dentro de situações sociais específicas, impregnados por uma carga afetivo-emocional, a qual é variada segundo as características de cada elemento, a natureza social do objeto, a natureza da relação dos sujeitos com este mesmo objeto e as características conjunturais da situação. Segundo o autor, estas cognições atualizam a experiência emocional, que foi concretamente percebida pelos “sujeitos em ação”, sob dois aspectos: o fisiopsicológico, que traduz a intensidade vivida sob a forma de ativação visceral ou de ataque à integridade física dos sujeitos; e o aspecto psicocognitivo, sob a forma de produção verbal, relativa à experiência, mais ou menos intensa, original e singular. Com fundamento nestes pressupostos, o autor distingue “cognições quentes” e “cognições frias”, distinguindo cognições afetadas com carga afetivas intensa e cognições pouco impregnadas de cargas afetivas.

Do ponto de vista metodológico, a estratégia utilizada para integrar os estudo do componente afetivo ao estudo da estrutura da representação, foi o de classificar as cognições (elementos do conteúdo da representação) em cognições “*afetivas*”.

semi-diretivas, centradas nas p-  
nas atividades de acompanhar  
dos eventos de massa, identificando  
o estado de iniciante para o estadista.  
não era marcado pelos anos de  
sobretudo, por um acontecimento  
*fogo*. Esta expressão é utilizada para  
momento no qual um policial  
vez, à uma massa populacional.  
nesta situação os sujeitos devem  
riscos, ou seja, atuar, de modo  
controlar o perigo, e de modo  
controlar o medo. Os resultados  
a representação de multidão apre-  
semelhante entre os alunos de  
iniciantes (antes do batismo de  
segundos, há maior riqueza de  
das representações, entre o grupo  
os iniciantes, mostra que a  
afetivamente carregado e traumático  
provoca um deslocamento da  
estrutura da representação, enqua-  
de forma dispersa no grupo ini-  
vão se concentrar na região central  
grupo experiente.

Carga Afetiva e *Nexus* (Capítulo 1)

A noção de *nexus*, introduzida por Garga Alcava e Nexus (Garcia Alcava, 1998), refere-se a uma modalidade de organização social que se estrutura como nódulos afetivos e de referência para uma determinada comunidade, em uma determinada época e função. As “etiquetas” das situações, capazes de mobilizar massas. Considerando palavras igualdade/liberdade/progresso, Revolução francesa ou esquerda/frente, fábrica. Em um conjunto de pesquisas realizadas na Alemanha, a

e, se funda na associação livre produzida por uma palavra indutora, apresentada dentro de uma pergunta, assim formulada: “quais são as palavras ou expressões que vêm espontaneamente à sua mente quando você escuta a palavra...”.

A evocação de uma representação (e igualmente de um *nexus*) pode ser provocada tanto por uma palavra indutora quanto por um ícone. Desenvolveu-se então um plano quase experimental com a manipulação de duas variáveis: a indução por ícone ou por palavra e a consigna, uma de orientação padrão (que chamaremos aqui de consigna semântica) e a segunda consigna de orientação *afetiva* (que chamaremos aqui de consigna atributiva). O efeito das duas variáveis sobre a produção discursiva dos sujeitos foram testados tanto para um *nexus* quanto para uma representação social. Assim, o plano quase-experimental era constituído pelo cruzamento de duas variáveis, portanto, composto de quatro condições: imagem/semântica; imagem/atributiva; palavra/semântica; e, palavra/atributiva, tanto para um *nexus* quanto para uma representação.

As quatro condições foram aplicadas sobre um objeto de representação (Brasil) e sobre um *nexus* (imagem e nome do piloto de Fórmula 1, Ayrton Senna); e os sujeitos, estudantes universitários, foram submetidos aos questionários e procedimentos de exposição à imagem. Os resultados comprovaram as hipóteses principais de ativação significativa da dimensão afetiva pela consigna atributiva e pela indução por imagem; e a consigna atributiva apresenta uma tendência a aumentar a concentração das palavras dominantes (aumento do consenso) para um *nexus*, em contrapartida de uma diminuição desta mesma concentração das palavras dominantes para uma representação social. Isto equivale a dizer que a ativação afetiva de um *nexus* remete à qualidade de núcleo pré-lógico homogeneizante dos grupos sociais, enquanto a mesma ativação, para uma representação, parece remeter a produção discursiva do grupo à dispersão própria à experiência individual dos afetos, ou seja, a uma diminuição do consenso.

ou emoções”). A partir da expressão indutora “menino da rua”, referente ao objeto social assim denominado, de evocação do tipo padrão (palavras e expressões), a 136 sujeitos, estudantes universitários; e a consigna atributiva (sentimentos ou emoções) foi aplicada a 136 universitários.

As duas produções foram submetidas a “juizes” (foram utilizados 3 professores de língua portuguesa, aos quais foi solicitada a classificação das palavras com conotação afetiva), e verificadas nos trabalhos de pesquisa sobre os *nexus* (Rouquette, 2000), um aumento significativo das palavras consideradas afetivamente carregadas. No tempo, selecionamos as palavras mais frequentes da questão padrão e as mais freqüentes obtidas na questão atributiva, constituindo assim um único *nexus*. A finalidade era de verificar a organização das palavras que atribuem a um material composto de produções de ativação “mista”.

É importante salientar que, na construção do instrumento, não optamos por selecionar as palavras mais freqüentes “afetivamente carregadas”; e sim as palavras mais freqüentes em cada conjunto de respostas, tanto para a consigna semântica quanto para a consigna atributiva. No caso do objeto “meninos da rua”, havia 10 palavras de cada lista. Na realidade, algumas pertenciam às duas listas, exigindo uma contagem de 20 palavras freqüentes. Deste modo, a lista composta com os seguintes itens: abandono, miséria, violência, sem-família, pobre, frio, fome, ódio, revolta, tristeza, “dó”, desamparado<sup>5</sup>, esperanças, “largo” e excluído.

A partir destas duas listas, construímos uma lista tipo “constituição de famílias de palavras” (Baker, 1995); apresentando ao sujeito uma lista com 20 palavras, solicitando-lhes de comporem “grupos de palavras que combinam”. Os dados foram submetidos a um software que calculava a similaridade entre as palavras e, a partir disso, gerava um gráfico de rede.

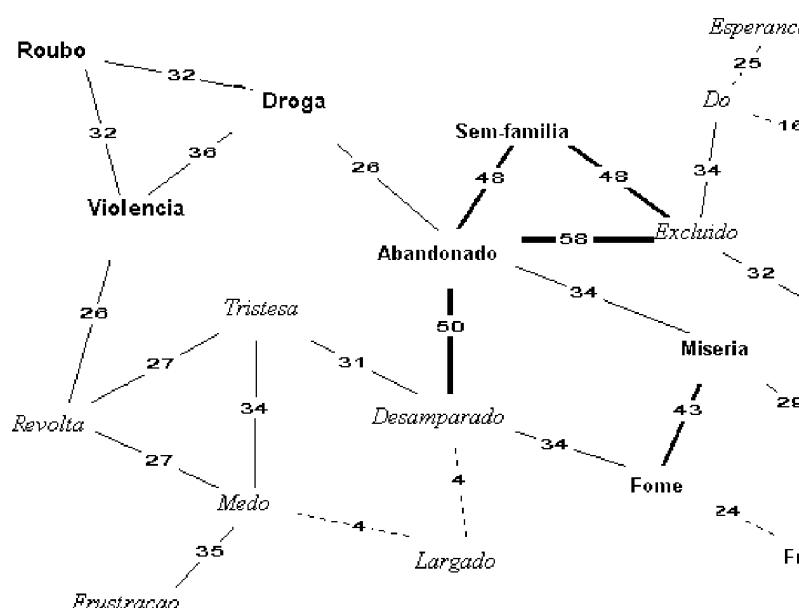


Figura 1. Organização dos elementos da representação social de “menino de rua” selecionados a partir de lista mista

representação. Neste ponto, gostaríamos de relembrar que compreendemos que os elementos, ditos afetivos, são também semânticos, e vice-versa; o que estamos estudando é o fato que alguns elementos são impregnados de forte carga afetiva e outros o são com baixa intensidade. Nossa objeto são as relações entre elementos intensamente impregnados de cargas afetivas e elementos centrais na estrutura da representação.

No caso específico estudado, o gráfico parece indicar que a dimensão afetiva observa uma certa independência em relação aos outros elementos, ou seja, os elementos *afetivamente carregados* permanecem reagrupados entre si, formando dois blocos, quase autônomos, ligados entre si pelo elemento “abandonado” (o qual também pertencia, originariamente à lista afetiva, sendo a palavra mais frequente nas duas condições). Trabalhos de pesquisa anteriores (Abric & Campos, 1996; Campos, 1998a, 1998b) permitem afirmar que a representação de “menino de rua”, em estudantes

situado no cruzamento da noção de miséria, no interior desta realidade, é realizada por educadores sociais. O gráfico indica também que o termo “abandonado” é o que mais cruza o cruzamento das dimensões semânticas.

#### Estudo da Dimensão Afetiva na Representação Social de “Menino de Rua”

#### Método

Utilizando o mesmo método empregado em outras pesquisas, foram feitas 100 questões, uma na condição 1 (afetiva), 100 na condição 2 (semântica), 100 na condição 3 (atributiva), com a expressão individualizada “menino de rua” e “menina de rua”. Na condição 4 (Superior), em 54 sujeitos, estudo de campo, foram feitas 100 questões, uma na condição 1 (afetiva), 100 na condição 2 (semântica), 100 na condição 3 (atributiva) e 100 na condição 4 (superior), com a expressão individualizada “menino de rua” e “menina de rua”. As palavras com conotação afetiva foram as que apareceram mais vezes em cada condição. A Tabela 1 mostra as 100 palavras com conotação afetiva e suas respectivas frequências.

Tabela 2  
*Listas das Palavras mais Freqüentes nas duas Condições*

Ativação padrão	Ativação atributiva
Realização	Realização
Melhores empregos	Alegria
<i>Status</i>	Felicidade
Dinheiro	Satisfação
Mercado de trabalho	Conquista
Profissão	Responsabilidade
Oportunidade	Orgulho
Conhecimento	Vitória
Vitória	Medo
Respeito	Emprego
Melhores salários	Independência
Dedicação	Ansiedade
Inteligência	Dinheiro
Conquista	
Esforço	
Responsabilidade	

atributiva ou condição padrão). Segundo a abordagem estrutural (Teoria do Núcleo Central), os elementos pertencentes ao sistema central deveriam permanecer relativamente estáveis, posto que se tratam de elementos “não-negociáveis”. No caso específico, apenas uma palavra muito freqüente, nas duas condições, apresenta estabilidade, a palavra “realização”.

Para proceder uma análise comparativa entre centralidade e dimensão afetiva, aplicamos em 97 sujeitos, estudantes universitários, um teste de centralidade clássico, com dupla

negação (Abric, 1994 a; Moliner, 1992; Ro 1998), cujos resultados são apresentados base no teste de centralidade, identificam que, muito provavelmente, compõem da representação de “diploma superior” e “profissão”. Nota-se, de início, que ne elementos pertence à lista “afetiva”. Co uma questão de “constituição de famí com 20 itens, correspondendo às 10 freqüentes na lista “padrão” e as 10

Tabela 3  
*Variação das Palavras mais Freqüentes nas duas Condições, Objeto “Diploma Superior”*

Palavras	Padrão	Atributiva
----------	--------	------------

Tabela 4  
Teste de Centralidade, Objeto “Diploma Superior”

Elemento	Muito provavelmente é um diploma de curso superior	Não sei dizer	Muito não é
Conhecimento	02 (02%)	20 (21%)	7
Profissão	03 (03%)	23 (24%)	7
Emprego	07 (07%)	53 (54%)	3
Status	09 (09%)	55 (56%)	3
Alegria	10 (10%)	60 (61%)	2
Conquista	06 (06%)	66 (67%)	2
Salário	06 (06%)	68 (69%)	2
Realização	08 (08%)	68 (69%)	2

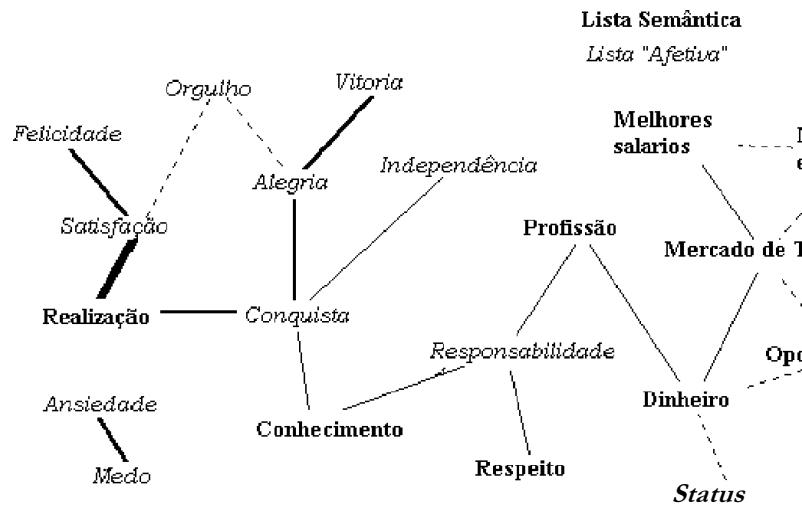


Figura 2. Organização dos elementos da representação social de *diploma superior*

oriundas da lista “afetiva”.

Um grupo de 97 respondeu à questão de constituição de famílias de palavras, e os dados foram submetidos a uma análise de similitude, da qual extraímos o seguinte gráfico:

Os resultados deste estudo, embora exploratórios,

Estudo da Dimensão Afetiva Representação Social de “Famílias de Palavras”

Método

Tabela 5  
*Efeito da Ativação “Afetiva”, Objeto “Família”*

	Palavras <i>neutras</i> (conotação não-afetiva)	Palavras <i>afetivas</i> (conotação afetiva)	Palavr...
Questão <i>padrão</i>	59,4 %	27,4 %	1...
Questão <i>atributiva</i>	37,1 %	49,4 %	1...

Tabela 6  
*Listas das Palavras mais Freqüentes, nas duas Condições*

Ativação <i>padrão</i>	Ativação <i>atributiva</i>
União	Amor
Amor	União
Amizade	Compreensão
Respeito	Carinho
Confiança	Amizade
Compreensão	Companheirismo
Companheirismo	Respeito
Segurança	Alegria
Conflito	Confiança
Fraternidade	Felicidade
Apoio	Fraternidade
Carinho	Harmonia
Solidariedade	Afeto
Alegria	Segurança
Convivência	Paz
Responsabilidade	Ajuda
Ajuda	

Tabela 7  
*Variação das Palavras mais Freqüentes, nas duas Condições, Objeto “Família”*

Palavras	Padrão	Atributiva
Amizade	21	11
Respeito	19	09
Confiança	16	07
Segurança	09	03
Conflito	08	00
Apoio	06	01
Responsabilidade	05	01

Tabela 8  
Teste de Centralidade, Objeto “Família”

	<i>Muito provavelmente é uma família</i>	<i>Não sei dizer</i>	<i>Muito provavelmente não é uma família</i>
Amor	01 (01 %)	21 (22 %)	12 (13 %)
Amizade	03 (03 %)	21 (22 %)	12 (13 %)
Respeito	03 (03 %)	23 (24 %)	12 (13 %)
Confiança	01 (02 %)	27 (28 %)	12 (13 %)
União	01 (01 %)	52 (54 %)	12 (13 %)
Companheirismo	02 (02 %)	52 (54 %)	12 (13 %)
Compreensão	04 (04 %)	62 (65 %)	12 (13 %)

frequentes mostra que dois elementos (os mais freqüentes nas duas condições) permanecem estáveis (Tabela 7).

Os resultados do teste de centralidade nos indica que dois elementos muito provavelmente pertencem ao núcleo central da representação: “amor” e “amizade” (Tabela 8).

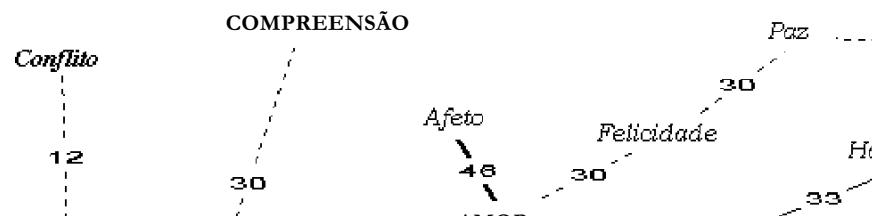
Como se havia previsto, o fato de se tratar de um objeto social de natureza mais explicitamente afetiva, obteve-se um elevado índice de palavras com conotação afetiva, oriundos tanto da questão padrão quanto da atributiva (*amor, união, carinho, respeito, compreensão, confiança, amizade, companheirismo e fraternidade*). Podemos observar, em primeiro lugar, que, os quatro elementos identificados como muito provavelmente centrais, são palavras muito freqüentes nas duas listas; em segundo, que, dentre as palavras freqüentes na lista padrão, apenas 6 não são freqüentes na lista atributiva (*segurança, conflito, apoio, responsabilidade, ajuda, e solidariedade*); e, finalmente, que 5 palavras freqüentes na lista atributiva, não

apresentam alta freqüência na lista atributiva (*paz, alegria e harmonia*).

Os resultados da questão das palavras que não pertencem ao núcleo central (Tabela 8) mostram que 12 palavras são apresentados no grupo de “não é uma família”. Neste caso, os dados obtidos mostram que 12 palavras não pertencem ao núcleo central, mas apresentam forte correspondência entre elas e os elementos que pertencem ao núcleo central.

## Discussão

Em um texto recente, Moscovici (1990) argumenta que as representações sociais têm uma estrutura hierárquica, com uma estrutura de “crenças-nucleares” que geram expectativas e crenças secundárias. Esta estrutura explica como os sujeitos podem alocar significados a situações básicas (*estruturantes*), e, ao mesmo tempo, alocar significados a suas experiências individuais, a



individuais. Esta diversidade, uma vez introduzida no campo da representação, pode vir a ser partilhada e, assim explicar como as representações sociais se transformam.

São, como denominadas por Dennet, crenças-nucleares, que são armazenadas e produzem uma massa de outras quando necessário, assim como, a partir de um pequeno número de frases que conhecemos, nós produzimos uma grande quantidade de frases novas. (Moscovici, 2002, p.19)

Para ele, então as questões fundamentais que se colocam são relativas aos processos pelos quais certas crenças se fixam e se tornam nucleares, enquanto outras se tornam periféricas; relativas também aos processos cognitivos e sociais que difundem certas crenças e proposições no espaço público. De nossa parte, podemos afirmar que uma questão fundamental, no campo da Teoria da Representações Sociais, é a de compreender aquilo que, de forma genérica, Flament (1994, 2002) designa como a “dinâmica das representações sociais”. Focando estas idéias no objetivo proposto pelo presente trabalho, podemos então destacar que, evidentemente, o processo de engajamento dos sujeitos nas práticas relativas a um determinado objeto social, não é um processo aleatório, ao acaso; nem poderia ser explicado por uma espécie de associacionismo básico, a exemplo do *behaviorismo social*. Se este engajamento é claramente marcado por processos sociais (produzidos pela estrutura social), ele é marcado também por uma ou várias motivações. Assim, voltamos ao ponto de início de nossas interrogações: as representações são marcadas por cargas afetivas, as quais não podem ser consideradas meros epifenômenos. Podemos afirmar que, os trabalhos aqui descritos (Campos & Rouquette, 2000; Giraud-Herault, 1998) e os resultados empíricos apresentados, indicam que as cargas afetivas, identificadas pelos próprios sujeitos, não se encontram distribuídas de forma aleatória na estrutura das representações estudadas. Considerando a natureza exploratória destes estudos, os resultados têm alcance reservado. Contudo, eles parecem apontar para o fato que

ele, reforçam as perspectivas de uma “psicologia das emoções” e de não se tratar as representações sociais como estruturas cognitivas no sentido restrito do termo.

Os trabalhos apresentados parecem sugerir a possibilidade de se estudar a dimensão afetiva das representações sociais, que necessariamente estarmos restritos aos métodos empíricos e metodológicos do tipo coleta de indicações (das emoções), observações comportamentais e questionários do tipo clínico. Não se trata de recusar o valor da pesquisa empírica, mas de produzir pesquisas que articulem de modo satisfatório e objetivo, os dados qualitativos e os dados quantitativos relativos particularmente à dimensão afetiva das representações sociais. Evidentemente, sob este aspecto, o campo da representação social apresentado deve ser ainda consolidado.

Os resultados descritos (sobretudo aqueles que aparecem nas Figuras 1, 2 e 3) parecem indicar que as representações sociais mantêm uma relação não-aleatória com o sistema de representações estudas. Assim, nos resultados empíricos, é possível que, o núcleo central, sendo resultado da história e da cultura, seja o resultado da partilha histórica das emoções, das crenças e das práticas desenvolvidas. Em todos os estudos, é possível afirmar que nossos dados vão na direção de resultados que outros pesquisadores citados neste texto já haviam alcançado. O significado (significado das representações) e a sua afetividade não se encontram dissociados da estrutura das representações. É claro que as relações entre a estrutura e a dimensão afetiva, estão ainda por serem esclarecidas. No entanto, os nossos dados, apesar de provisórios, parecem apoiar a nossa hipótese de que o sistema central de representações sociais é afetivamente carregados, componham um sistema integrado e coerente.

- Banchs, M. A. (1995). O papel da emoção na representação do *self* e do outro em membros de uma família incestuosa. Em S. T. M. Lane & B. B. Sawaia (Orgs.), *Novas veredas da psicologia social* (pp. 97-113). São Paulo: Educ/Brasiliense.
- Banchs, M. A. (1996). El papel de la emoción en la construcción de representaciones sociales: Invitación para una reflexión teórica. *Textes Sur les Représentations Sociales*, 5(2), 113-125.
- Campos, P. H. F. (1998a). *Pratiques, représentations et exclusion: Le cas des éducateurs des enfants de rue du Brésil*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade de Provence. Aix-en-Provence, France.
- Campos, P. H. F. (1998b). As representações sociais de “meninos de rua”: Proximidade do objeto e diferenças estruturais. Em A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 271-283). Goiânia: AB.
- Campos, P. H. F. & Rouquette, M.-L. (2000). La dimension affective des représentations sociales : Deux recherches exploratoires. *Bulletin de Psychologie*, 53, 435-441.
- Flament, C. (1986). L'analyse de similitude : Une technique pour les recherches sur les représentations sociales. Em W. Doise & A. Palmonari (Orgs.), *Les représentations sociales* (pp. 139-156). Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Flament, C. (1994). Aspects périphériques des représentations sociales. Em C. Guimelli (Org.), *Structures et transformations des représentations sociales* (pp. 85-118). Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Giraud-Herault, J. (1998). *Pratiques professionnelles, charge affective et représentation de la situation de foule chez les CRS*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade de Provence. Aix-en-Provence, France.
- Lane, S. T. M. (1995). A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. Em S. T. M. Lane & B. B. Sawaia (Orgs.), *Novas veredas da psicologia social* (pp. 55-63). São Paulo: Educ/Brasiliense.
- Molinier, P. (1992). *La représentation comme grille de lecture*. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence.
- Molinier, P. (1996). *Images et représentations sociales*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Moscovici, S. (1961/1976). *La psychanalyse, son image, son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (2002). Pourquoi l'étude des représentations sociales en psychologie?. *Psychologie et Société*, 4, 7-24.
- Pereira de Sá, C. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Vozes.
- Pereira de Sá, C. (1998). A representação social depois do “plano real”. Em A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 271-283).
- Rateau, P. (1995). Dimensions descriptives des représentations sociales. Une étude empirique. *Textes Sur les Représentations Sociales*, 4, 133-146.
- Rime, B. (1993). Le partage social des émotions. Em D. Jodelet & M. Madeira (Orgs.), *Émotions et identité culturelle* (pp. 271-300). Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Rouquette, M.-L. (1994). *Sur la connaissance sociale*. Grenoble : Presses Universitaires de Grenoble.
- Rouquette, M.-L. & Rateau, P. (1998). *Interactions entre les représentations et les connaissances*. Grenoble : PUG.
- Tura, L. F. R. (1998). Aids e estudantes: A representação social da doença. Em D. Jodelet & M. Madeira (Orgs.), *Émotions et identité culturelle* (pp. 154). Natal: EDUFRN.
- Verges, P. (1989). Représenter les connaissances. Em D. Jodelet (Org.), *Connaissances et représentations*. Paris: PUF.
- Verges, P. (1992). L'évocation de l'argent : le noyau central d'une représentation. *Textes Sur les Représentations Sociales*, 2, 209.
- Verges, P. (1994). Approche du noyau central d'une représentation. Em C. Guimelli (Org.), *Connaissances et représentations sociales* (pp. 233-253). Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Verges, P. (1995). Représenter les minorités : Méthodes d'approche. *Textes Sur les Représentations Sociales*, 28, 77-95.